

Introdução

Do eu para o tu

Quando alguém me disse que gostaria de ler um texto de minha autoria sobre o tema preocupação/cuidado [em alemão: *Sorge*], no primeiro momento me ocorreram todas as possíveis referências que têm uma conotação predominantemente negativa. Por exemplo, dizemos uns aos outros: “Não te preocupe tanto”. E aí temos uma boa intenção. No entanto, a preocupação soa nesse caso como algo que sobrecarrega e incomoda. É por isso que muitas vezes se deseja que o outro simplesmente *não* se preocupe. Ocorreu-me também o livro de Dale Carnegie: Como evitar preocupações e começar a viver. Nele a preocupação é concebida como algo de que devemos nos livrar sem falta. Pois a preocupação nos impede de viver bem. Ela nos aflige e não nos deixa em paz. No cântico “Quem deixa prevalecer somente o amor de Deus”, encontramos na segunda estrofe: “De que nos adiantam as graves preocupações, de que nos adianta o nosso lamento? De que nos adianta lastimar todas as manhãs as nossas adversidades? Só tornamos a nossa cruz e o nosso sofrimento ainda maiores através da tristeza”. Aqui a preocupação está relacionada com o lamento e a tristeza. Deles devemos nos libertar e depositar a nossa confiança em Deus.

Ao me ocupar com o tema preocupação, ocorreram-me as palavras de Jesus: “Não vos preocupeis com vossa vida, com o que comereis” (Mt 6,25) ou a conclusão de sua fala sobre a des-

preocupação: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã. O dia de amanhã terá suas próprias dificuldades” (Mt 6,34). A preocupação, o ato de preocupar-se é, portanto, algo que não desejamos e que devemos manter o mais afastado possível de nossa vida? Jesus quer que não nos preocupemos.

No entanto, aí me lembrei dos inúmeros confrades que trabalham no mosteiro e cuidam amorosamente da comunidade. Ou dos enfermeiros que cuidam de nossos confrades idosos. E lembrei-me da minha mãe, que sempre cuidou dos seus sete filhos. Ela sentia prazer em cuidar. Mesmo com idade avançada, ela gostava de cuidar de outras pessoas. Quando uma jovem lhe contou que não tinha uma boa relação com sua família, minha mãe lhe enviou no Natal os biscoitos que ela própria havia feito. A mãe cuidadosa percebeu logo a situação em que alguém poderia se alegrar com um presente. E me vieram à mente muitas outras mães que dia após dia cuidam de suas famílias. Quando penso nas muitas pessoas que cuidam dos outros, sei que o ato de cuidar bem dos outros faz parte da essência do ser humano.

E na reflexão sobre o fenômeno da preocupação/do cuidado, me veio à mente a definição de ser humano do filósofo Martin Heidegger: O ser humano é sempre um ser que se preocupa. Antes de descrever as experiências que envolvem a preocupação/o cuidado no nosso cotidiano, quero lançar um olhar para o passado. Pretendo olhar o conceito filosófico de cuidado ou cura [*Sorge*] em Heidegger e comparar o seu ponto de vista com o do filósofo dentre os escritores bíblicos, o pregador Coélet. Na opinião de Heidegger, o cuidado faz parte da essência do ser humano. Entretanto, ele imagina, com isso, somente o cuidado que o ser humano tem consigo mesmo. Nesse caso, o “tu” tem pouca importância. O verdadeiro cuidado, que percebi em meus confrades que cuidam para que todos tenham uma casa limpa, que percebi

em minha mãe e em muitas outras mães e pais, sempre é o cuidado dos outros. O ser humano cuidadoso não gravita em torno de si mesmo, mas cuida amorosamente dos outros. Na questão do cuidado, o que está em jogo é ir do eu para o tu, é passar do ato de girar em torno de mim mesmo para as necessidades e carências do tu. O cuidado é expressão do amor. Sem cuidado o amor fica limitado ao sentimento.

Em seu livro *Ser e tempo*, que foi publicado em 1927 e alcançou grande repercussão, Heidegger buscou descrever o ser-aí do ser humano. Com isso ele não quis propriamente descrever os atributos do ser humano, mas a sua essência. Para ele, tratava-se da descrição ontológica do ser humano. O ser-aí do ser humano se caracteriza pelo fato de o ser humano estar jogado no mundo. O ser-aí, no entanto, pela sua natureza, sempre já está além de si. Ou seja, ele precede a existência do ser humano; o ser-aí, portanto, nunca é algo incondicional. Daí Heidegger define o ser-aí como “preceder-se”. E é essa constituição do ser-aí que ele entende como cuidado. Cuidado não é, portanto, um atributo que o ser humano pode ter ou não. O ser humano como “ser-no-mundo” é, antes, cuidado essencial.

Para ilustrar suas teses filosóficas, muitas vezes não facilmente compreensíveis, Heidegger cita uma antiga fábula romana de Higino:

Certa vez, atravessando um rio, “Cura” viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar o seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto “Cura” e Júpiter disputavam so-

bre o nome, surgiu também a Terra (*tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a ‘Cura’ quem primeiro o formou, ele deve pertencer à ‘Cura’ enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘homo’, pois foi feito de *humus* (terra)” (HEIDEGGER, 2006, p. 263-264).

Enquanto o ser humano estiver no tempo, será determinado pelo cuidado. Isso é o que Heidegger quer nos ilustrar com essa fábula. O ser humano é cuidado quando está no mundo. Ele cuida de si. Ele sempre já se precede e sempre cuida de si mesmo. Ser-aí é cuidado de si mesmo. O cuidado caracteriza o seu ser. Cada ser humano cuida de si, de sua vida. O que está em jogo para ele é ele mesmo, e é por isso que está sempre fazendo algo ou se esforçando por alguma coisa.

O que o filósofo Heidegger descreveu no século passado sobre a essência do ser humano como cuidado, Coélet, o filósofo dentre os autores bíblicos, concebeu de modo semelhante. Ainda que o ser humano possua muitas coisas, a essência de seu ser-aí é apenas preocupação: “Toda a sua vida é sofrimento, sua ocupação um desgosto; nem mesmo de noite repousa seu coração. Também isso é ilusão” (Ecl 3,23). Mesmo o conhecimento e as capacidades que o ser humano adquire não o libertam da preocupação. Antes vale: “Porque em muita sabedoria há muito desgosto; aumentando a ciência, aumenta o sofrimento” (Ecl 1,18). O ser humano não consegue evitar a preocupação, nem com formação, nem pela

posse, nem por meio do sucesso nos negócios. A preocupação o acompanha onde quer que esteja e em que situação se encontre. A preocupação faz parte da sua essência. E é uma preocupação que está ligada com aflição e aborrecimento. Segundo o juízo do Coélet, ela é somente ilusão.

Se levarmos a sério essa análise de Heidegger e do Coélet, o ser humano despreocupado, descuidado, violaria sua própria essência de ser humano. Ele renunciaria à sua condição de ser humano verdadeiro. E viveria – nos termos de Heidegger – no modo impróprio, no modo de ser “impessoal”. No entanto, ele não se veria propriamente como ser humano. E quem não se vê propriamente, tampouco vive adequadamente. Tanto Heidegger como Coélet iriam, portanto, avaliar o livro de Dale Carnegie, *Como evitar preocupações e começar a viver*, como uma senda convidativa, mas, em última análise, falsa para nossa humanidade. Pois aí nos é apresentada uma imagem do ser humano que contradiz a sua essência. É uma imagem do ser humano que, de fato, é atraente para muitas pessoas, mas que, em última análise, conduz a uma ilusão, expressa numa depressividade crescente. Falsas promessas não fazem bem ao ser humano. Nesse caso, prefiro me ater à mensagem da Bíblia. Quando Jesus fala da despreocupação, Ele se refere a algo diferente do que Dale Carnegie. E quando a Bíblia fala do cuidado das outras pessoas, ela nos indica um meio para nos libertar do próprio ego e encontrar o caminho para o tu. Sobre isso há vários relatos bíblicos.

De modo distinto da análise filosófica de Martin Heidegger, concebemos cuidado frequentemente como solicitude. A essência do cuidado consiste em abrir mão da atitude de girar em torno de si mesmo e se preocupar com os outros e cuidar dos outros. Com essa postura, abro mão de cuidar sempre só de meu próprio bem-estar. Vou do eu para o tu. É deste ato de se distanciar do eu

e se voltar para o tu que trata já o primeiro livro da Bíblia na famosa história de Caim e Abel. Caim gira apenas em torno de si e de seu reconhecimento; tem inveja de seu irmão Abel, porque acredita que ele seja preferido por Deus. Esse ato de girar em torno do próprio sentimento doentio leva-o a matar o seu irmão. Caim não consegue suportar que exista outra pessoa que talvez seja mais vista, que tenha mais sucesso, que atraia sobre si mais a atenção das pessoas e esteja mais no centro do que ele. No entanto, Deus reage ao fratricídio com a pergunta dirigida a Caim: “Onde está teu irmão Abel?” (Gn 4,9). Caim responde a Deus cheio de obstinação: “Não sei. Acaso sou o guarda de meu irmão?” (Gn 4,9). Deus não permite que Caim gire somente em torno de si e de seus sentimentos. Ele tem responsabilidade pelo seu irmão Abel. A pergunta que Deus faz a Caim é dirigida também a nós: “Onde está o teu irmão, cujo sangue clama ao céu? Onde está a tua irmã, que se encontra metida em profunda depressão?” Não podemos simplesmente desviar o olhar. Deus nos criou em virtude dos outros. E nós temos que cuidar dos outros.

Assim como o cuidado é essencial para o ser humano, também pertence à essência do ser humano ser perguntado, ser questionado. Deus é aquele que faz uma pergunta ao ser humano. E a essa pergunta o ser humano tem de responder. O termo alemão *fragen* [perguntar] está relacionado com *Furche* [sulco]. A pergunta que Deus nos faz abre um sulco no campo de nossa alma. Isso se aplica, no entanto, também às nossas perguntas. Quando faço uma pergunta para uma pessoa, não quero inquiri-la ou interrogá-la; pretendo, antes, abrir um sulco em sua alma, para que ela possa receber uma semente fecunda e para que essa semente possa germinar. As perguntas que Deus ou as pessoas nos fazem requerem uma resposta. Responder adequadamente às perguntas que nos são dirigidas leva nossa alma a florescer.

Cuidar do irmão, cuidar da irmã – é isso que se chama responsabilidade. E a responsabilidade pertence essencialmente ao ser humano. Hans Jonas intitulou sua principal obra filosófica de “Responsabilidade”. Somos responsáveis não só pelas consequências do nosso agir. Antes, temos de assumir, já de modo proativo, a responsabilidade pelo nosso mundo. Temos de refletir sobre as consequências de nosso agir para as gerações futuras e para as bases da sua existência, para o futuro da terra e do cosmo. Jonas toma a responsabilidade dos pais pelos filhos como paradigma para a responsabilidade que hoje temos pelo mundo inteiro. A responsabilidade paterna é como que o arquétipo da responsabilidade de cada cidadão e principalmente do político. Responsabilidade pelo filho significa: Responsabilidade pelo seu desenvolvimento, pelo seu corpo, pela sua alma, pelo seu caráter, pelo seu conhecimento, pela sua conduta, pelo seu porvir, pelas condições em que viverá no futuro.

Responsabilidade é uma intensificação de resposta. Uma resposta significa originalmente: dar uma resposta perante o outro. Na responsabilidade, portanto, tenho sempre o outro em vista. Não há responsabilidade abstrata, mas sempre uma responsabilidade pelas pessoas. Isso se aplica também à responsabilidade pelas consequências do meu agir em relação ao ambiente. Pois aí se trata também da resposta que dou às pessoas que viverão nesta terra no futuro. Portanto, ao agir com responsabilidade, tenho sempre em vista pessoas concretas. Respondo olhando para elas. Profiro minhas palavras para o interior do seu semblante. E aí lido muito cautelosamente com minhas palavras. Cuidado como responsabilidade significa, de modo semelhante, que cuido de pessoas concretas, que ousei olhar em seu rosto e, para esse rosto que pergunta, dou, com meu cuidado, uma resposta que corresponde a sua necessidade mais profunda.

Em muitas conversas de cuidado pastoral, ouço a respeito do cuidado dos filhos, do cuidado dos pais idosos e enfermos. E nesse cuidado das outras pessoas sinto o amor que está associado ao cuidado. Por amor, cuidamos das pessoas cuja necessidade conhecemos. Do eu para o tu. E quando alguém cuida de mim, isso me faz bem. Sinto que não estou abandonado às minhas necessidades, que aí alguém tem um olhar para o que preciso ou gostaria de ter. E sou grato quando os outros cuidam de mim. Justamente no mosteiro, posso desfrutar da situação de não ter de cuidar de tudo pessoalmente. Da alimentação cuidam outros. Todo dia posso me sentar a uma mesa posta. Não preciso me ocupar com o fornecimento de energia na casa ou com o funcionamento da torneira. Porque outros cuidam de mim, tenho tempo para o que realmente é importante para mim e que me alegra: escrever livros e ministrar palestras e cursos.

Se o que está em jogo para Dale Carnegie é somente o bem-estar do ego ao desvalorizar a preocupação, a verdadeira preocupação que toda mãe e todo pai têm pelos seus filhos, que muitos professores e educadores têm pelos seus alunos e alunas, leva-os do eu para o tu. Eu não giro em torno de mim e de meu bem-estar. Não me pergunto permanentemente como me sinto, se neste exato momento tenho sentimentos positivos. No ato de cuidar, já estou sempre com o outro. No ato de cuidar, desvio o olhar de mim mesmo. Não importa tanto como estou. O cuidado do outro me toca. Preocupa-me como ele está. Olho para ele, cuido dele para que fique bem. E esse cuidado do outro pode me satisfazer inteiramente e me fazer feliz. Quando a pessoa de que cuido aceita agradecida esse cuidado, sinto que eu mesmo sou presenteado. No entanto, cuido dela não para obter algo com esse gesto, nem para me sentir bem. Antes, cuido do outro porque ele

é importante para mim, porque tenho um olhar para ele, porque o amo.

A ambivalência do significado do termo alemão *Sorge* está presente também no Dicionário Duden, que nos traz informações sobre a sua evolução. Ele deriva do alemão antigo *Sorga* e significa originalmente “aflição, desgosto”. Nas línguas bálticas, o termo tem até mesmo a conotação de doença. Assim, significa em alemão ou: “inquietação, medo, pensamentos aflitivos”, ou, por sua vez: “esforço para remediar, solicitude, cuidado do porvir, esforço ativo em prol de alguém”. O conceito foi, no entanto, adquirindo novos sentidos, assim como adquire um novo sentido a vida da pessoa que se preocupa com o outro e cuida dele. O significado positivo de *Sorge* deu origem a termos como *Fürsorge* [solicitude, cuidado, assistência], *Vorsorge* [prevenção, providência, precaução], *Sorgfalt* [zelo, diligência, cuidado] ou *versorgen* [fornecer, prover] e *besorgen* [obter, conseguir]. Solicitude e zelo têm conotação positiva. Quando um médico ou um garçom nos trata de maneira solícita, isso nos faz bem. E nós achamos que é algo benéfico os pais cuidarem dos filhos de maneira construtiva. Do contrário, o serviço de apoio às crianças tem de assumir a assistência. Um trabalho executado com zelo nos alegra. Isso se aplica não só ao artífice, mas também ao autor. Gostamos de ler um livro concebido e escrito com zelo; nesse caso, ele nos atinge e motiva. O antônimo de zeloso é desleixado. Quando alguém não preparou com zelo sua palestra, isso nos aborrece. Temos a impressão de que nós, ouvintes, não somos importantes para o orador. Ele está interessado apenas em si e em sua comodidade. Também vemos o ato de obter e conseguir como positivo. Alegramos quando alguém nos fornece as coisas de que mais necessitamos e consegue para nós algo que gostaríamos de ter.

Os gregos conhecem duas palavras para *Sorge*: *merimna* e *meletao*. Nesses dois termos, acentua-se respectivamente o aspecto positivo ou negativo de *Sorge*. O termo *merimna* significa o ato de preocupar-se com algo, de ir em busca de algo, a expectativa angustiada por alguma coisa, o temor de alguma coisa, como a dor, o trabalho penoso, a carga. Pode ser empregado como sinônimo de *lype* (luto, dor). E pode significar um cismar. A pessoa se preocupa, teme por alguém. São preocupações temerosas que afligem e atormentam. A preocupação sempre tem a ver com o temor. Ela é agir a partir do temor, “temor ativo pelo ser-aí” (Ulrich Lutz). São essas preocupações que Jesus tem em vista quando nos exorta a não nos preocuparmos. O termo *meletao*, por sua vez, significa: cuidar de alguém, conseguir alguma coisa, tratar de alguém. Assim, o samaritano cuida do homem ferido e pede ao dono da pensão que também continue a cuidar dele. Os termos compostos com *meletao* podem significar também: gostar de alguém. Nesse sentido, o cuidado está próximo do amor. Cuidar é uma expressão de amor, de afeto pela outra pessoa.

No idioma alemão, é preciso sempre estar atento para o sentido de *Sorge*. No grego, ele está claro. Jesus quer nos libertar da *merimna*. No entanto, convida-nos a agir como o samaritano misericordioso, cuidando daquele que vemos deitado à beira do caminho, necessitado, desamparado e impotente. Nesse caso, realizamos o que Jesus quer dizer com *meletao*. E o próprio Jesus cuida de nós dessa maneira. Ele nos envia o auxílio que nos ampara, que cuida de nós quando tememos as pessoas ao não sabermos o que lhes responder. Porque o próprio Jesus cuida de nós no Espírito Santo, Ele pode nos dizer: “Não fiquéis perturbados nem tenhais medo” (Jo 14,27).

Neste livro, pretendo refletir principalmente sobre o significado positivo de *Sorge*. Quero enaltecer todas as pessoas que se

preocupam com outras pessoas, com crianças, doentes, refugiados, solitários, colegas; com as almas e os corpos, com as alegrias e com os temores. E pretendo descrever o cuidado como expressão do amor. Esse amor cuidadoso é, hoje, mais necessário do que nunca. Pois vivemos numa época em que muitas pessoas cuidam apenas de si mesmas e têm em vista somente o seu próprio bem-estar. No entanto, é claro que tenho em vista também os perigos que existem quando alguém se preocupa demais. Para mim, trata-se de lidar cuidadosamente com o termo *Sorge* e considerar qual é a importância que ele pode ter em nosso convívio com outros, bem como na nossa relação com o presente e com o futuro.

Assim, pretendo descrever o cuidado como responsabilidade por diferentes grupos de pessoas, primeiramente pelas pessoas em necessidade e, em seguida, pelas crianças, pelos pais, pela família e pelos colegas.